G. P.

DOLMENS OU ANTAS

DOS

ARREDORES D'EVORA

NOTAS DIRIGIDAS

AO

EX.mo SR. DR. AUGUSTO FILIPPE SIMÕES

EVORA

TYP. DE F. DA CUNHA BRAVO — RUA DE AVIZ 23 E 25

1875

A Ex.ma Redacção do Jornal "Artes e Letras"
Off.

G. P. Gabriel Pereira

DOLMENS OU ANTAS

DOS

ARREDORES D'EVORA

NOTAS DIRIGIDAS

AO

EX.mo SR. DR. AUGUSTO FILIPPE SIMÕES

EVORA
TYP. DE FRANCISCO DA CUNHA BRAVO—RUA DE AVIZ 23 E 25
1875

DOLMENS OU ANTAS

DOS

ARREDORES D'EVORA

O sr. dr. Pereira da Costa no seu notavel trabalho sobre os dolmens que se encontram em Portugal refere-se aos dos arredores de Evora mencionando os do caminho de Aguiar, Tisnada, Arrayolos e Outeiro das vinhas, unicos de que obteve informações.

Existem em torno de Evora muitos dolmens ou antas mostrando ter permanecido nesta região durante largo tempo o povo que os construia. Tenho visto mais de quarenta entre os quaes se contam dez ou doze em bom estado de conservação. Nada teem que ver estes rudes monumentos em magestade architectonica com os dolmens de Antequera em Hespanha, ou de Essé em França, mas ainda assim a sua accumulação, a sua disposição em grupos, e o notavel facto de não apparecerem nos arredores de Evora objectos prehistoricos de pedra lascada, ou de ferro, limitando assim ás idades de pedra polida e de bronze a civilisação do

primeiro povo que deixou vestigios 'nestes sitios, torna-os merecedores da attenção dos estudiosos. Descreverei em poucas palavras alguns dos curiosos monumentos.

Um dos mais perfeitos e mais proximos da cidade é o do Outeiro das vinhas, ao Degebe, sete kilometros a oriente de Evora. Está situado n'uma baixa, plana e regular ; nada indica accumulação de terra ou monticulo artificial. Seis grandes lages de mais de dois metros de altura e de metro e meio de largura estão ainda erguidas, sustentando a mesa ou lage superior; a altura total do monumento é de 2,m5; o diametro do espaço que elle encerra e de 3 metros; tres lages estão por terra que eram antigos esteios; não tem galeria nem vestigios d'ella. Nas proximidades não se encontra outro monumento; só em Valle de Melhorado, junto ao monte da herdade existem os esteios de uma anta, de dimensões menores. Seguindo a estrada de Aguiar, a tres kilometros a sul d'Evora, na bifurcação de uma carreteira que leva ao monte da Bem-espéra, está a anta descripta pelo sr. Pereira da Costa; á esquerda, a trezentos metros proximamente está outra, porem mais arruinada; e seguindo a estrada, em terras do Zambujal, encontra-se outra tambem arruinada; nenhuma d'estas tem mesa, galeria ou vestigios de monticulo artificial. O mesmo succede com uma das antas da Amendoeirinha, e com a da herdade do Conde, perto de Machede. Na Amendoeirinha ha porem um d'estes monumentos que se afasta do estilo geral; é baixa mas as lages que a formam são de grandes dimensões, tem ainda a mesa, formidavel lage, mal trabalhada e quebrada. A anta da herdade do Conde está muito arruinada, só dois esteios se conservam erguidos, no solo jazem quatro ; são lages de quatro metros de altura. Semelhante á anta da Amendoeirinha que ainda conserva a mesa é a do Barrocal, a pouca distancia do monte da herdade.

Esta fica a dez kilometros a poente de Evora; seis pedras estão erguidas, duas por terra; a altura não excede 1,^{m}55. A mesa é uma grande lage circular, de 2,^{m}2 de diametro, com a espessura media de 0,^{m}4. A pouca distancia da anta corre uma ribeira, serpeando entre pequenos cerros calvos e pedregosos; achei aqui, ao longo do pequeno valle tres antas arruinadas, de pequenas dimensões, N'um d'estes cerros, já ao sul da linha ferrea (kil. 106) estão agrupadas umas singulares construcções. Numa d'ellas grandes pedras grosseiramente faciadas fecham um parallelogramo de menos de dois metros de comprido sobre um de largo, n'outras o espaço é duplo mas dividido pelo meio por uma fileira de pedras iguaes. Fazem lembrar as sepulturas de Fyglsjo descriptas por Sven-Nilsson e tambem as que se teem achado em França e Inglaterra e que são attribuidas aos primeiros tempos gaulezes.

Tambem a occidente de Evora, na antes formosa e hoje quasi abandonada propriedade de Valverde, paçal dos Arcebispos, se encontram duas antas a pouca distancia uma da outra; ficam n'um angulo do montado e estão arruinadas; os esteios são altos, as mesas desappareceram (muitas antas teem sido destruidas para se utilisar a pedra em modernas construcções, como os esteios são em parte soterrados é a mesa que primeiro desapparece).

Em todas as antas descriptas é a disposição uniforme; já isto não succede com a anta da Tisnada.

É uma construcção baixa, irregular; grandes lages fecham um espaço elliptico, tem uma pequena galeria. A mesa está deslocada e quebrada; outra lage cobre a galeria. O diametro do espaço contido entre os esteios é superior a dois metros ; o dolmen ergue-se sobre um pequeno monticulo artificial. A pesar da ruina, dos deslocamentos, é facil ainda reconhecer estas caracteristicas do monumento. A anta da Tisnada fica ao sul de Evora, a 13 kil. pro-

ximamente. Nas visinhanças ha vestigios de outras. Mais notavel que esta, e talvez a mais notavel de todas as dos arredores de Evora é a anta do Pinheiro, a 16 kil. pouco mais ou menos, seguindo a antiga estrada de Monte-mór. Fica n'uma baixa entre dois pequenos cerros; proxima á estrada está outra muito arruinada, e junto a um vallado pouco distante outra ainda tambem em ruina; ambas porem muito menores que a primeira. A anta do Pinheiro está bem conservada. Sete grandes lages erguidas sustentam a mesa; o espaço limitado pelos esteios tem um diametro de tres metros; a altura é de dois; a mesa é um grande lage, bem faciada de 0,^{m}6de espessura; dois esteios cahiram do lado do norte, do oriente cahiu outro, e era por este lado a galeria; de esta ainda se vêem os esteios, e duas lages tambem de grandes dimensões que cobriam a galeria e hoje se acham apenas deslocadas.

Os dolmens do Pinheiro e da Tisnada erguem-se em pequenos monticulos visivelmente artificiaes, mas nada indica actualmente que taes monticulos hajam em tempo involvido os rudes monumentos. Nas outras antas nenhuns vestigios se mostram de grande accumulação de terra. Alguem tem affirmado serem os dolmens e as mamunhas, ou tumuli construcções devidas a povos de uma só raça e epoca; fundada esta opinião no apparecimento de objectos de industria analogos nos diversos monumentos, e por terem apparecido alguns *tumuli* ou mamunhas que em si escondem sepulturas de construcção parecida com a dos dolmens.

Basta porem notar que se em certas regiões apparecem a par monumentos das duas classes, ha comtudo outras em que se mostram destacados. No alem-Douro encontram-se *tumuli* e mencionam-se mui poucas antas; o contrario acontece no sul; aqui são vulgares as antas; nos arredores de Evora não se encontra um unico *tumulus*. São raras as antas na Allemanha e vulgares os *tumuli*; e o mesmo

acontece na Scandinavia. O facto de em *tumuli* e em *dolmens* apparecerem objectos de industria semelhantes, armas, utensilios, ou ornatos não deve ter-se como argumento.

Povos differentes, vivendo separados, podem chegar a analogos periodos de civilisação como ainda hoje se observa em povos selvagens. Povos differentes, entrando em contacto podem conservar costumes, ritos, caracteristicas diversas como tambem se observa na antiguidade, nos exemplos de nossos dias. Os finnicos não acceitaram ainda o viver dos slavos e dos scandinavos que estão com elles em contacto; o euskára lucta ha vinte seculos contra os latinos que o cercam.

Sobre a palavra ; — anta

O termo *anta* é empregado geralmente entre nós para designar os monumentos prehistoricos conhecidos em archeologia pela designação *dolmen*, designação celtica adoptada por se ter primeiramente attribuido a povos celticos a construcção de taes monumentos e por estarem situadas as primeiras antas estudadas em regiões ainda hoje occupadas por populações, legitimas e indubitaveis descentes da raça Kymrica. Em Portugal não é unicamente empregado pela gente culta, é o unico usado pelo homem rude das charnecas, pelo campesino; é pois um termo popular, geral; é antiquissimo e invariavel num longo decorrer de seculos.

Não discuto opiniões ou explicações apresentadas sem duvida com boa fé e muita sciencia; este escripto é uma singella nota ou observação; nada mais; essas opiniões podem ler-se no optimo trabalho do sr. dr. Pereira da Costa, estudo completo que deve ser considerado em Portugal como os de Sven-Nilsson na peninsula scandinava ou o de Lyell em Inglaterra. Convem lembrar simplesmente que os

methodos de critica soffreram modernamente grandes alterações; e que nos ultimos decennios novas sciencias teem surgido de que os antigos doutos nem viram sequer a formação.

A palavra *anta* existe em portuguez como designativa de pedra faciada de consideraveis dimensões destinada a fortalecer angulos das paredes ou a sustentar vergas de porta, e neste caso a sua etymologia vem certamente, do vocabulo *anta* com as mesmas letras e som empregado pelos gregos para significar identico objecto. Neste sentido porem o termo *anta* não é popular nem vulgar.

Que elle seja empregado em architectura não admira pois é conhecido o proximo parentesco do nosso idioma com o latino, e é conhecida a influencia da arte hellenica na arte romana.

Não julgo porem poder isto servir de explicação do termo *anta* designativo dos monumentos megalithicos de que trato; o povo não allia a taes construcções a idea de porta ou casa.

A circumstancia da opinião popular sobre as *antas* monumentos que em si escondem thesouros, ou são defendidos por estranhos poderes, edificações de mouros, (entre nós representam os mouros o papel que os hunos representam na tradição germanica, os finnicos na tradição scandinava, etc.; o que não é portuguez é mouro; e é isto natural por serem os mouros os dominadores, dominadores de differente raça, quando as nacionalidades latinas começaram a dilatar as suas fronteiras n'uma lucta de seis seculos), estas obscuras tradições e vagas, indefinidas superstições tornam notavel talvez o seguinte.

O povo na Allemanha designa os dolmens como obras do diabo, de gigantes, ou de hunos; o que quer dizer simplesmente como obras de povos ou raças de differente origem; ora os povos germanicos modernos fallam diversos

dialectos e bem que em geral o termo *riese* significa gigante, entre os povos da Saxe, assim como no antigo anglo-saxonio gigante diz-se *enta*, e estas construcções são attribuidas a *enta*. (enta zu gevoerc) (a)

O leitor notará ser isto apenas contribuição ou dado, sem pretenções algumas a argumento.

Conhece-se a importancia do mytho na sciencia moderna e as admiraveis descobertas que o estudo da mythologia comparada, tem produzido nas questões de historia, de religiões; etc.

Ora existe um mytho que se refere sem duvida a um antiquissimo povo, mytho já na tradição homerica, anterior talvez ás migrações pelasgicas.

É o mytho de Antæus.

Quando os primeiros pelasgos chegaram ao litoral da Lybia encontraram um povo que oppoz tenaz resistencia á colonisação estrangeira; houve luctas tão cruentas que para sempre ficaram na tradição. No mytho de Antæus alludese a este povo; era de raça differente da pelasga, usava outras armas, tinha outros recursos, e diverso aspecto. Antæus foi a final vencido por Hercules.

Hercules, como sabem todos os que teem mais ou menos attendido aos modernos estudos de mythologia é meramente um symbolo do progresso, do genio aventureiro, na tradição hellenica; é elle que doma os touros, que mata os leões e as hydras, que protege a agricultura, que funda colonias, e defende o fraco contra o forte. É analogo ao Melkart dos phenicios, semelhante ao Ogham dos celticos. Hercules vencendo Antæus significa a victoria da migração pelasgica sobre o obscuro povo da Lybia septentrional.

Parece estar hoje demonstrado que estes povos da Ly-

(a) Segundo Mendonça e Pinna os Godos chamavam *antas* aos seus heroes.

bia, conhecidos entre os gregos por Numidas, Nasamones, etc. tinham intima relação com todos os povos da vasta bacia mediterraneana. Segundo o proprio testemunho dos primeiros geographos os primitivos habitadores das grandes ilhas do Mediterraneo eram de raça lybica; e certos resultados da craniologia ethnographica mostram approximações frisantes entre os povos da Europa meridional e os da Africa septentrional. Ha n'elles a dolichocephalia occipital caracteristica, segundo *Broca,* da raça euskara. Ha emfim quem opine em classificar como membros diversos d'uma unica familia todos estes povos iberos, ligures, oscos, ombrios, rutulos, numidas, etc. que antes das migrações celticas e pelasgicas, e por consequencia antes de terem apparecido no littoral do mediterraneo e no occidente da Europa as outras migrações arianas, occupavam estes vastissimos territorios.

Parece haver uma singular coincidencia no termo *anta,* no *enta* da Saxe, no mytho de Antæus.

Armas e utensilios pre-historicos.

Nos tempos primitivos, quanto nos é possivel profundar nas origens da humanidade, encontramos os povos vivendo da caça, da pesca, da pastoreação, estados diversos do progresso em que ainda actualmente jazem muitos povos. Uma das primeiras necessidades que o homem sentiu foi a de adquirir meios de presar e de luctar porque a natureza dando-lhe a razão recusou-lhe, como que para o instigar, a supremacia physica sobre a creação que o cercava.

As feras, os animaes selvagens ou são mais fortes que elle, ou mais rapidos na carreira; teem as garras, as presas, as pelles resistentes, as poderosas musculaturas; teem o vôo, o nado, a extrema agilidade. As primeiras e mais urgentes necessidades levaram-no pois a inventar as armas,

necessidades não só de presar mas tambem de defender a presa, porque da mingua de uns e da abastança de outros nasceu naturalmente a guerra, a lucta pela vida. Por isto em toda a parte onde se encontram vestigios dos primitivos homens se encontram armas ou antes instrumentos de multiplas applicações, porque naquellas epocas, obscuros e dilatados seculos em que nas hordas sem nome se elaboravam as raças historicas, tinham estes rudes instrumentos como ainda hoje teem entre alguns povos que não conseguiram emergir do estado selvagem e conservam viver analogo ao dos primitivos, diversos empregos na guerra, na caça, na rudimentar agricultura. Assim o instrumento que servia para prostrar o adversario servia tambem para ferir a renna ou o urso, ou para abrir na terra a cavidade precisa para a germinação da semente, ou para cortar o tronco da arvore; como ainda o insular das Novas-Hebridas guerrea com o mesmo machado de pedra de que usa para escavar penosamente os seus barcos grosseiros.

Estas armas ou utensilios são de simples fabrico, fragmentos de rocha a que davam certos feitios e tornavam cortantes ou agudos por meio de prolongado attrito, ou lascando-os, formando assim cunhas, machados, talhadeiras, maças, etc. Alguns d'estes objectos são de admiravel trabalho; conseguiram fazer serras e harpões de silex, e poliam as diorites e basaltos com tal esmero no fabrico de dardos e pedras de arremesso que lhes davam grande poder de penetração. Não só a pedra foi usada pelos povos pre-historicos, utilisaram tambem os ossos, as pontas de veado, presas de animaes, madeiras rijas, como ainda succede entre selvagens; entre os pescadores da Groenlandia ou os caçadores esquimós, entre os nomadas samoyedas ou as hordas sempre errantes dos vastos territorios americanos, entre povos emfim tão afastados pelo tempo, pelo espaço e pela raça. Mais tarde appareceram povos que sou-

beram utilisar-se dos metaes; extrahiram da terra e trabalharam o cobre, conheceram o estanho e a liga d'estes que fórma o bronze; e assim estas raças mais adiantadas conseguiram alastrar seu poderio e formar uma civilisação ou estado social já mui distanciado das idades de pedra lascada e polida, idades entre si mais afastadas talvez que a nossa epoca tão cheia de assombrosas conquistas, de grandes manifestações da actividade humana o é d'esse periodo admiravel da historia, perenne de agitações, em que as rudes hordas septentrionaes esphacelaram o vasto senhorio de Roma. Ainda nos tempos historicos se usaram armas de pedra entre povos conhecedores de metaes e gosando consideravel civilisação, empregados todavia exclusivamente em funcções religiosas ou judiciaes onde as tradições e costumes são sempre mais persistentes. Quando os Horacios e os Curiacios no seu classico combate decidiram os destinos de Roma e de Alba usavam já os romanos de armas de ferro, e comtudo o sacerdote no sacrificio que então celebrou feriu a victima com uma faca de silex. Os phenicios, que conheciam perfeitamente os metaes tinham por uso firmar os pactos com juramentos sobre os altares; o que prestava o juramento suspendia na mão esquerda um cordeiro, tendo na direita uma faca de silex, e jurava cumprir a sua palavra pedindo aos deuses se acaso a quebrasse um dia o ferissem como elle feria aquella victima. Os israelitas usavam tambem de instrumentos de silex, principalmente na circumcisão (Sven-Nilsson).

No pequeno mas notavel museu annexo á bibliotheca de Evora, museu que comprehende collecções de historia natural, de quadros e de desenhos, de muitas curiosidades, reunidas pelo zelo e sabia perseverança do arcebispo D. Fr. Manuel do Cenaculo Villas-Boas encontra-se uma preciosa collecção de objectos pre-historicos merecendo menção especialissima as espadas ou estoques de bronze. São

rectas, sem copos, tendo ligeiros alargamentos nos extremos da mão; teem cerca de um metro de comprimento o menos de um centimetro de largura na base.

Entre as armas de pedra ha formosas cunhas de diorite bem conservadas. Ha 'nesta collecção tres notaveis utensilios ou ornatos; são tres laminas de ardosia, em forma de trapezio perfuradas no lado menor, tendo nas faces desenhos formados de traços cruzados cuja disposição forma series de pequenos triangulos ou de zig-zags parallelos. Na modesta collecção do author d'este singello apontamento, collecção que comprehende uns trinta exemplares de cunhas, ascumas, talhadeiras, etc. de pedra polida e de bronze, de tamanhos e formas mui differentes, ha um percutor de diorite com oito cavidades hemisphericas dispostas symetricamente e analogo aos descriptos por Sven-Nilsson (Les habitants primitifs de la Scandinavie). Uma das cunhas, de diorite mui rija e escura, tem o bisel fendido formando duas saliencias ponteagudas e polidas. Entre as armas de pedra algumas attingem 0,^{m}3 de comprimento, outras apenas 0,08; umas são achatadas, outras de secção circular, 'numas finalmente o eixo é recto, sendo n'outras curvo. Uma das talhadeiras de bronze de forma egual ás das outras, tem dimensões tão diminutas que mais parece ornato que arma (0,^{m}03 por 0,02). Outra tem quinze centimetros de comprimento e dez de largura, ligando o bisel á base por curvas mui pronunciadas recordando o ferro das alabardas. Estas armas e utensilios são todos de formas singellas mostrando pertencer á primeira infancia da arte. Mais perfeito é um machado de bronze, achado ha pouco tempo, e mui conforme no feitio a outros desenhados nas obras de archeologia pre-historica; tem 0,22 de comprimento, com uma parte adelgaçada que parece ser destinada a encavar em haste de madeira, dous aros lateraes eram provavelmente destinados á passagem de cordeis para me-

lhor ajuste sobre a haste. Nas duas faces do machado ha uns pequenos ornatos em relevo, hemispherios ligados á base do machado por linhas tambem em relevo. Ha pouco tambem adquirimos uma adaga de bronze de 0,^{m}44 de comprimento total; mão e folha são batidas na mesma lamina, como succede nos estoques da Bibliotheca. A mão da adaga é larga e tem seus abertos e alargamento formando una pequena guarda; a folha é de dous gumes. Na maior parte estas armas e utensilios são dos arredores de Evora, algumas dos arredores de Moura, mas pode affirmar-se que em todo o sul de Portugal não são extremamente raras; não se encontra porem o silex lascado, ou melhor não obtivemos ainda noticia alguma de antigualha com respeito á idade da pedra lascada, que como se sabe é anterior á da pedra polida ; e n'outros paizes se manifesta 'numa prodigiosa variedade de cunhas, lancis, etc. quasi sempre de silex que es rudes povos de então sabiam trabalhar com singular apuro. A idade de pedra polida marca sobre a da pedra lascada um progresso e talvez uma renovação ou substituição de raças; é provavel mesmo que, pelo menos no sul e occidente da Europa denote a supremacia de um povo que submergiu inteiramente o anterior mais antigo, menos adiantado; de este são em Portugal unicos testemunhos e vestigios os achados pelo sr. Delgado (Da existencia do homem no nosso solo em tempos mui remotos, etc. por J. F. O. Delgado. Lisboa 1869).

O povo dos dolmens

Sobre o povo dos dolmens, sua origem e migrações não posso deixar de citar as opiniões de eruditos tão notaveis como são os srs. Le Hon e Carlos Weinhold.

Eis os principaes resultados a que chegou o sr. Le Hon.

—Antes das tradicções historicas um povo de craneo

arredondado (brachycephalo) e de pequena estatura habitava o occidente e o sudoeste da Europa. Nos primeiros documentos historicos encontramos este povo, no sul, com o nome de Iberos, representados actualmente pelos bascos ou euskaldunac, habitando as vertentes e valles dos Pyreneus occidentaes. Na lingua euskara não se encontram vestigios das linguas iranicas.

A primitiva raça do resto da Europa é ainda hoje representada ao norte pela população finnica conservando caracteres indeleveis da raça ougro-tartara.

As raças de que as duas populações basca e finnica são vestigios occupavam a Europa toda e empregavam a pedra polida. Começaram a chegar então as emigrações asiaticas. Estas nada teem que ver com as arianas. O povo asiatico chegado na epoca da pedra polida é o povo dos dolmens. Os *tumuli*, as cidades lacustres, são restos tambem d'estes primeiros vagabundos que a Asia lançou para a Europa. Pelos monumentos segue-se a peregrinação de este povo, estacionando na Crimea, partindo depois para o norte pela Silesia; demorando-se pelos littoraes do mar do Norte e do Oceano. Occupou a Bretanha onde se demorou muito, passou á Inglaterra pelas ilhas anglo-normandas. Durou seculos esta peregrinação. Marcos de outras migragrações secundarias se encontram nos monumentos dos Pyreneus, da França central, da Suissa, da Corsega, etc.

Os *tumuli* não attingem uma antiguidade tão elevada como a dos dolmens. Nestes encontram-se instrumentos de pedra, e nos *tumuli* dominam os objectos de bronze e mesmo de ferro. Outro ramo do povo dos dolmens passou o isthmo de Suez e espalhou-se no norte do continente africano.

Desor, na viagem ao Sahara viu numerosos e importantes dolmens nas vertentes do Atlas.

(L'homme fossile en Europe par Le-Hon. Paris 1867).

Escreve o sr. Weinhold.

—A que povo pertencem estes monumentos?

Nas regiões onde se encontram habitaram e habitam ainda iberos, celticos, romanos, germanicos, e slavos, todos, exceptuados os iberos, ramos da raça caucasica, á qual o *hunenvolk* não pertence, vista a estructura do craneo e porque segundo o demonstra a sciencia da linguagem já conheciam antes das immigrações na Europa o bronze e o ferro, metaes que não se deparam nas sepulturas que estudamos. O *hunenvolk* era um aborigene europeu (europaisches urvolk).

Abstrahindo das primitivas familias do sueste da Europa restam para a solução dois grandes povos, iberos e finnicos. Tive antes os finnicos como constructores de taes monumentos; retiro agora esta opinião. Uma extensão finnica em todo o occidente da Europa devia deixar testemunhos historicos, e é opposta á sabida extensão dos iberos. Alem d'isto a hypothese não podia explicar-nos porque a Noruega e a Suecia nas regiões do norte e centro são privadas d'estes monumentos. O povo que os ergueu tinha a sua maior agglomeração para o occidente em quanto que os finnicos se condensavam no oriente: desenvolvia-se da peninsula pyrenaica n'um triangulo cujos lados eram formados pelos littoraes do Atlantico, do mar do norte e do Baltico, sendo a base representada por uma linha do Rhodano ao Pregel comprehendendo tambem as ilhas britannicas e dinamarquezas, e os promontorios austraes da Scandinavia. Como é sabido os Iberos, cujos descendentes são os bascos ou vasconços, foram os primitivos habitadores da peninsula nos tempos historicos. Como elles para o oriente alcançavam o Rhodano e como nos territorios de Marselha os monumentos de pedra terminam para o sueste somos levados o concluir *eram os iberos que enterravam os mortos nos dolmens*. Da extensão geographica d'estas construcções

obtemos nós o importante resultado historico; que o povo ibero, antes das invasões celticas habitava alem da Hespanha e do sul da França até ao Rhodano, tambem a França septentrional, a Bretanha, a Allemanha do norte, a Dinamarca e a Saxonia. (Die heidnische Todtenbestattung in Deutschland. Memorias da Acad. imp. de Vienna — Classe phil. historica. 1858. n.os 9 e 10).

Notas

1.ª Os povos dos dolmens não são aborigenes europeus, vieram da Asia seguindo o caminho que mais tarde as migrações indo-germanicas seguiram tambem.

2.ª Os povos dos dolmens não tinham perfeita unidade, e na sua longa peregrinação uns conservaram-se estacionarios, outros tiveram varias formas de civilisação.

3.ª É possivel seguir a marcha da grande emigração; é possivel marcar as estações, ou paizes em que mais se demoraram. É possivel tambem que os dolmens africanos fossem construidos por uma emigração iberica. A passagem do estreito não lhe era obstaculo invencivel. Os vandalos passaram o estreito em grande numero; os povos prehistoricos habitaram em Inglaterra.

4.ª O ramo deste povo que estacionou na Iberia differia em gráo de civilisação dos que estacionaram na Bretanha. Ahi apparecem em grande numero os dolmens, os alinhamentos de menhirs, os cromlechs, etc. Ahi se encontram as grandes galerias, as pedras lavradas, por ex. o celebre dolmen de Gavr'innis. Na peninsula iberica existem apenas os dolmens de tosca e uniforme construcção, e alguns *roulers*.

5.ª Este povo que deixou monumentos por quasi toda a peninsula parece ter estacionado principalmente na sua metade meridional. Os dolmens são raros no norte da pe-

ninsula. No paiz vasconço, ainda hoje habitado por descendentes de iberos, não ha dolmens. Os Vasconços resistiram sempre a todas as invasões e influencias estranhas; ainda hoje conservam o seu antiquissimo idioma.

6.ª Quando sahiram da Asia? Sendo certo que os primeiros monumentos megalithicos apparecem no Malabar surge aqui uma observação. As primeiras emigrações arianas encontraram a grande peninsula gangetica povoadas por povos tamul ou turanianos; estes povos foram destruidos em parte, em parte subjugados, e muitas hordas se refugiaram nas regiões montanhosas; ainda hoje no Nil-Giris, no Sindh, no Gondwana vivem os seus descendentes conservando seus antigos costumes e idiomas. Estes idiomas têm sido estudados principalmente pelos philologos inglezes. São linguagens agglutinativas, sem flexões apparentadas com os idiomas turanianos (Maury-La terre et l'homme. Rivara—Ensaio da lingua Concani).

É provavel que por occasião da invasão ariana algumas hordas sahissem d'aquella região. Assim os finnicos do norte da Europa, os tamul do sul da Asia, os bascos ou vasconços nos pendores dos Pyreneus, e talvez essas singulares populações perdidas nos oasis do Sahara, tuaregs, etc. parecem ser os ultimos restos da grande povoação que occupava os vastos continentes, na alva da historia, antes do apparecimento dos povos d'Arya.

Podemos reforçar este parecer com as palavras do sr. Mommsen. Diz o notavel historiador na sua Historia de Roma: — A Italia é mui pobre em monumentos do periodo primitivo e forma a este respeito notavel contraste com outros campos de civilisação. Os resultados das indagações dos archeologos allemães levam á conclusão de que em Inglaterra, França, Allemanha e Scandinavia, antes do estabelecimento dos indo-germanicos nestas regiões foram ellas habitadas ou antes percorridas por um povo talvez de raça

mongolica, subsistindo da caça e da pesca, fazendo utensilios e armas de pedra e osso, adornando-se com ambar e dentes de animaes, desconhecedor completamente da agricultura e do uso de metaes. Na India, do mesmo modo, os habitantes indo-germanicos foram precedidos por uma povoação de côr escura, menos susceptivel de civilisação (Mommsen, History of Rome).

Resultados de G. de Humboldt (a)

1.° A comparação das antigas designações locativas da peninsula iberica com a lingua vasconça mostra que esta era a linguagem dos ibéros; assim povos ibéros e vasconços são expressões synonimas.

2.° Os locativos vasconços encontram-se sem excepção por toda a peninsula e por consequencia por toda ella estiveram os iberos espalhados.

3.° Apparecem porem entre as designações locativas da peninsula outras cuja comparação com as das regiões habitadas por celticos mostra que são de origem celtica, e assim marcam os sitios em que iberos e celticos viveram misturados, como nol-o asseguram os testemunhos historicos.

4.° Posto isto os ibéros sem mistura de celticos só habitaram os arredores dos Pyreneus e as costas meridionaes, e as duas raças misturadas occuparam a região media, a Lusitania e a maior parte das costas septentrionaes.

5.° Os *celticos* da Iberia usavam idioma igual ou da mesma familia que o dos celticos da Gallia e da Britannia, não eram porem subdivisão d'estes segundo indicam as ca-

---

(a) Prûfung der Untersuchungen ûber die Urbewohner Hispaniens, etc, von W. von Humboldt. Berlin 1821. pag. 177.

racteristicas e as instituições. Occuparam a Gallia em épocas remotas; eram talvez das primitivas hordas migrantes. Depois da mistura com os ibéros prevaleceu o coracter ibero e não o gaulez tal como o conhecemos pelos testemunhos romanos.

6.º Fóra da Hespanha, para o nórte, não se encontram ibéros excepto os da Aquitania e d'uma parte das costas do Mediterraneo. Os Caledonios não são ibéros, mas sim do tronco celtico.

7.º Para o sul os ibéros povoaram as grandes ilhas do Mediterraneo, como concorrem a demonstral-o os testemunhos historicos e as designações vasconças; sendo obscura a origem ou proveniencia d'estes primitivos habitadores; pois para ali poderiam ir da Ibéria, da Gallia, talvez do oriente.

8.º Se elles fizeram parte dos povos primitivos da Italia continental é duvidoso. Todavia encontram-se ahi muitas designações vasconças que tal presumpção podem fundamentar.

9.º Os ibéros differem dos celticos tanto quanto conhecemos estes pelos testemunhos gregos e romanos, e pelos restos de suas linguas, em caracter e em idioma.

G. de Humboldt escrevia em 1820: hoje com os progressos da sciencia as conclusões do sabio philologo soffrem algumas alterações.

1.º Os povos ibéros não podem considerar-se habitadores primitivos da peninsula. Muitos testemunhos demonstram que na peninsula existiram diversas raças pre-historicas,

2.º Os ibéros eram differentes entre si, em idiomas, costumes, e civilisação. Os vasconços ou euskára são os representantes, actuaes, de algumas das antigas hordas; e entre os vasconços actuaes ha differenças tambem.

3.° Duas imigrações celticas entraram na peninsula, kimrica e gaelica, e de ambas restam vestigios nas designações locativas.

4.° Prevaleceu effectivamente o caracter ibéro na mistura de celticos e ibéros e neste facto a orographia da Iberia influiu certamente. Ainda hoje, singular phenomeno, as caracteristicas dos germanos, gaulezes e iberos tão bem descriptas nos escriptores latinos se applicam aos povos allemães, franceezes e peninsulares (na sua maioria), embora tantas convulsões politicas, tantas influencias extranhas os tenham agitado no longo decorrer dos tempos.

5.° As primitivas raças habitadoras da Peninsula são communs a outras regiões. O povo dos dolmens deixou vestigios n'um espaço vastissimo, em quasi toda a bacia mediterraneana, em muitas regiões da Europa septentrional. Admittem-se hoje as relações estreitas entre certas raças africanas e as pre-historicas da Europa. Os iberos apparecem, nos primeiros tempos historicos, decadentes, estacionarios no occidente e sul da Europa resistindo contra as invasões celticas, latinas, etc.

6.° Se havia identidade entre elles e os primitivos povos da Italia é ainda hoje duvidoso, é porem certo que os povos habitadores da Italia antes das migrações latinas, gregas e celticas, Ombrios, Oscos, Rutulos, etc. formavam com os ibéros do occidente, e com os Numidas, Garamantes, etc. da Africa a grande formação que antecedeu na Europa e em todo o littoral do Mediterraneo a chegada e preponderancia dos arianos e dos semiticos.

Nomes de lugares

Os homens que habitam uma região pela primeira vez necessitam dar nomes aos lugares e accidentes de terreno a fim de poder fallar do que viram, de dar noticias ou indicações.

Estes nomes, como todos os outros, são formados segundo certas leis, e quasi sempre significativos, isto é representam as feições mais salientes das localidades.

Se não são significativos não são todavia formados ao acaso mas com auxilio ou combinação dos nomes tirados do idioma do povo que habita a localidade, nomes cujo caracter linguistico especial pode ainda permittir indagação de sua origem. Os nomes de montanhas, valles, rios, lagos, etc. são os que mais persistem não só porque os objectos que designam são mui persistentes, mas tambem porque geralmente são adoptados e conservados pelos novos habitadores. Soffrem muitas vezes modificações consideraveis nas terminações e na orthographia, mas na parte maxima dos casos é possivel reconhecer-lhes a origem nos radicaes. Póde dizer-se que é perfeitamente applicada em philologia a lei de anatomia comparada,—a constancia no typo, a variedade nas modificações.

As designações locativas chegaram até nós pelos escriptos e pelas tradições oraes. Nos escriptos gregos e latinos abundam os nomes peninsulares; convem notar porem que em taes escriptos mui de proposito e por systema se alteravam os nomes, dando-lhes feição latina ou hellenica e desprezando sempre os mui barbaros, isto é, aquelles que peor soavam aos delicados ouvidos dos escriptores, sempre preoccupados da fórma, como alguns o declaram; póde affirmar-se comtudo que na maior parte dos casos o radical ou typo pouco soffreu, e permitte a classificação linguistica.

Grande numero de designações locativas vem da tradição oral, conservadora admiravel. (a)

Preciso é todavia ter em conta o genero de alteração que o povo faz naturalmente a estranhas palavras. Todos conhecem por exemplo a pronuncia do *b* e do *v* em varias

---

(a) Baudrimont. Hist das Escualdunais primitifs.

provincias da peninsula iberica, tanto em Portugal, como em Hespanha. Simples alteração na pronuncia. Ha porem um genero de alteração mais grave; dá-se quando a palavra estranha ou que o povo não comprehende bem se approxima de outra palavra bem conhecida por elle. Póde isto dar lugar a singulares confusões ; alguns exemplos o mostrarão por analogia e frisantemente.

É antigo e vulgar o vocabulo sino-saimão, modificação de latim *signum salomonis*. São conhecidas em litteratura as lendas e romances de san-graal, simples alteração de sang-raal. Localidades ha assim designadas, Rio de Mouro — Rio de Vide — que o vulgo altera para — Rei-mouro, Rei-David.

Os geographos allemães chamam ao cabo Espichel, Spiegel.

Spiegel em allemão significa espelho.

Muitas vezes ha nestas alterações tamanha excentricidade que para logo entende o observador como as tem de considerar. Escolheremos exemplos bem vulgares, embora alguem possa julgar serem aqui mal cabidos. É muito vulgar no Alemtejo um insecto aptéro conhecido pelo nome *vacca-loura*. Tem a cabeça e o thorax preto, o abdomen em anneis pretos fimbriados de encarnado; não se parece em cousa alguma com o conhecido ruminante, nem é louro; mas sim com as bagas de louro (bacca-laurus) e é esta tambem a origem de *bacharel* e ainda dizemos bacca-laureato. Um dos cabeços mais calvos e fragosos da Arrabida, local onde as poderosas camadas de calcario se mostram fragmentadas, estouradas, como se houvessem recebido inferiormente enorme pressão, cabeço aonde apenas podem vegetar rachiticas plantas nas fendas da rocha, tamanha é a violencia das rajadas que por vezes o fustigam; onde nem sequer ha uma vereda de cabras, é designado pelos pastores com o nome *Arre-mula*. Desnecessario é mostrar a ex-

centricidade da denominação; mas considerando um pouco conheceremos sem grande difficuldade uma variante de *arr* ou *ar-mur* promontorio, altura visinha do mar, e tal é a posição daquellas fragas (*ar-mur* nas linguas celticas: ha muitas designações iguaes; Armorica tem igual origem)

Dignas de estudo são certas disignações locativas em que radicaes de idiomas diversos apparecem: e mais curiosas ainda aquellas em que os diversos elementos teem identicas significações pois mostram claramente como os appellativos d'um povo foram adoptados como proprios por outro povo.

Nós dizemos hoje rio Guadiana, isto é, *rio-rio-rio;* ha aqui o elemento latino, o arabe e o celtico; vestigios de tres povos; uns tomaram como proprio o que era simples appellativo e assim se formou a designação trilingue. Dizemos *Portugal,* de portus-calle, *porto-porto*; apparecem juntos o elemento latino e o celtico. Ao Sado chamaram os romanos *flumen Callippo;* ora Callippo é formado de calle-ippo, porto-porto (celtico e phenicio) e os romanos designaram com este nome todo o rio, em vez do vasto estuario que o rio forma. Mons Herminius disseram os romanos, monte-monte-monte (elementos latino, celtico e ibéro). Mendobriga, Cætobriga, Aramenha, Arraiollos, Ulisippo, e muitas outras designações locativas, perdidas ou actuaes, mostram ligados radicaes de diversas origens. Como curiosidade unicamente mencionarei algumas designações locativas, preferindo as portuguezas e entre estas as do sul de Portugal que é exactamente o sul da Lusitania. Analogas poderá o curioso d'estes assumptos encontrar na obra de Guilherme de Humboldt, que conserva até hoje lugar imminente a este respeito. *Pen* nas linguas celticas significa montanha; é radical de alguns appellativss (penha, penhasco, penedo) e tambem de muitos nomes de lugares, Pena, Penalva, Penedono, Penamacôr, etc. A palavra *alpe* encon-

tra-se nos antigos documentos portuguezes como appellativo com a significação de altura.

Ar ou *arr* indica tambem altura, elevação, cousa sobranceira; encontra-se em designações antigas e modernas — Arronches, Arraiollos, Arrabida, Arabriga, Artobriga, Aramenha. A terminação *ollos* de Arraiollos offerece analogia com outra *ola* que se encontra frequentemente — Oriola, Mertola, Grandola e nas designações antigas — Toleitola, Mendiola, Tribola; em Hespanha ha — Orihuela, Olot etc. é provavelmente a *ola* iberica que significa—pequena povoação.

Em Penedono e Penamacor ha certamente outros vestigios celticos, *dono* parece modificação de *dunum* ou *doun* (gael. *dun*,—kymr. din,—armor. doun; em muitas designações apparecem ligados dois radicaes celticos um gael. outro kymr.) *Magos*, *Mógos* são nomes de lugares cujo radical parece incluido em *macôr*, provavelmente do celtico *magh* planura elevada ou chapada.

É possivel tambem que seja celtica a terminação *ana* de Guadiana, que latinos e gregos chamaram *Anas* e que alguns doutos modernos julgaram ser de origem phenicia. *An* significa *corrente* no celtico, e encontra-se terminando nomes de outros rios em regiões celticas — Rhodanus, Sequana, Meduana.

Em vasconço *corrente* se diz *ul*, e temos entre nós Ul e Riba d'Ul. Assim tambem Ter (nome de ribeiro) parece de origem iberica; ha com esta designação apenas com ligeiras variantes, muitos rios no occidente da Europa, apparecendo tambem como inicial em antigas designações— Termantia, Termessus.

Dur significa tambem em kymrico *rio* (Douro, Dora, Adour).

Aven em gaelico significa *ribeiro* (Ave, e talvez em Cavado).

O nome *Sever* tem obscura origem é notavel porem, que n'um paiz ainda hoje habitado por celticos haja um rio chamado Sever.

Ossa é sem duvida palavra iberica, no vasconço moderno significa *frescura* (Ossa, Ossau, Otsa, nomes de serras em differentes paizes).

Dois appellativos ha vulgares na Peninsula e de origem iberica, que se referem ambos a accidentes de terrenos: navas, (planuras) é frequente em Hespanha; Barris, Barros apparecem em Portugal designando convalles (sem relação alguma com terrenos argilosos).

Urra, localidade, tem igualmente origem iberica.

Entre os appellativos alguns ha que teem analogos no vasconço. *Ucha*, *pissarra*, conservam mesmo a physionomia euskára; em muitos preponderam as modificações segundo a indole da mesma lingua; algumas palavras cuja origem é desconhecida para os que a procuram por systema nas linguas classicas, têem analogas no euskára. Segundo Mahn porem é na syntaxe das linguas actuaes da peninsula iberica que são mais frisantes os vestigios e influencia do euskára.

Citarei por ultimo dois exemplos para mostrar que algumas palavras portuguezas ha que passam por legitimas descendentes das latinas, sendo mais proximas parentes das antigas linguagens.

Segundo os etymologistas *legua* vem do latim *leuca* que se deriva do grego *leukoi*, que significa *branco*; pedra milliaria branca com que os romanos marcavam as milhas. Ora *leuca* é palavra puramente celtica.—Mensuras viarum nos milliaria dicimus, Greci stadia, Galli *leucas*. —Isid. Orig. XV. 16,—Leuge, metron ti Galatais. Hesych. — Leug, em gael, *lech* em kymr., *leuv* em armor.; significando tambem marco.

Saia vem do latim *sagum*, dizem alguns etymologis-

tas; ora *sagum* é palavra celtica alterada pelos romanos.— Sagum, gallicum nomen.—Isid. E saia, tal como se conserva na nossa lingua é mais proximo do *sae* celtico.

Os povos ibericos

Os iberos occupavam a peninsula hispanica antes das invasões celticas. Eram tidos pelos geographos antigos por autochtones ou indigenas na Iberia, o que equivale a dizer que era tão longa a duração do seu estabelecimento n'este paiz que a tradicção das primitivas migrações estava completamente obliterada. Em certos pontos esta raça gozava alguma civilisação, e quando os arianos e os phenicios entraram com ella em contacto, não recusou as relações, mas não substituiu aos seus costumes e ao seu idioma, os costumes e os idiomas das raças invasoras. Uma tribu ibera consentiu em erguer as suas rudes moradas junto a uma cidade grega elevando comtudo uma muralha entre as duas povoações.

Não havia na raça iberica espirito de nacionalidade; vivia subdividida em tribus, sem communicações entre si; depois das invasões celticas, formidaveis tempestades que vieram pela primeira vez, segundo a historia, fartar de sangue e de ruinas o solo da Iberia, as tribus dos selvagens barulhadas na convulsão, conservaram-se umas isoladas, outras confederaram-se, outras emfim alliaram-se, allianças de selvagens guerreiros, com as hordas das raças invasoras. Os romanos que por tanto tempo passearam pela Hispania as suas legiões victoriosas, que no tempo dos imperadores tantos esforços fizeram para por meios suaves attrahir os iberos, pelas colonias, pelas regalias, pelo desenvolvimento do commercio e da instrucção, não conseguiram ter aqui alliados fieis; não conseguiram mesmo que o conhecimento da lingua latina se vulgarisasse; nas moedas

ha n'uma face a inscripção latina, ou phenicia, ou grega, e na outra a iberica. Deu soldados valentes e aguerridos aos generaes carthaginezes, e aos romanos seus contrarios. Que eram valentes, soffredores, terriveis na luta, sem esmorecerem nos revezes mostram-n'o as campanhas immortaes de Viriato e Sertorio, mostram-no os cerros escalvados da Cantabria onde tantas vezes rojaram no pó as aguias dos consules e dos cesares. Tão amigos da liberdade, diz Strabão, que depois das derrotas os pais matam os filhos, os filhos matam os pais para não soffrerem a escravidão; tão selvagens, que mesmo crucificados, quasi moribundos, ainda entoam os seus cantos de guerra.

Os representantes actuaes d'esta raça são os Bascos, que occupam os pendores e valles dos Pyreneus occidentaes divididos entre si, com dialectos; uns sob o dominio francez, outros sob o hespanhol. São conhecidos estes povos sob differentes designações; elles designam-se em geral com o nome — euskaldunac, — e o seu idioma — euskara. — Bascos, Basques, Biscaynhos, Vasconços designam o mesmo povo. Em Alava, Viscaya, Guipuzcoa (Hespanha); em Labourt e Soule (França) encontram-se muito condensados Segundo Malm (a) o seu numero actual é de 800:000. Conservam ainda dialectos mui distinctos; sendo principaes os de Viscaya, Guipuzcoa e Soule. Não tem litteratura propria, mas ha obras impressas em basco; as classes superiores conhecem geralmente as linguas franceza ou hespanhola. Regem-se ainda por leis ou antes *costumes* antigos a que chamam *fueros*.

Os iberos antes das invasões celticas occupavam grande parte da Europa occidental. Nos tempos historicos, no tempo de Cesar, apparecem na peninsula misturados em

---

(a) Denkmaeler der baskischen sprache, von dr. Malm. Berlin 1857.

alguns pontos com os celticos, puros em muitos outros. Alem dos Pyreneus occupavam ainda uma grande parte da Gallia; os Aquitanos eram iberos. Querem alguns que os Ligures assim como os habitadores das grandes ilhas do Mediterraneo pertencessem á raça iberica. Parece mesmo que eram ligures as hordas que emigraram da Hispania austral pela entrada da primeira invasão celtica. O que é certo é que iberos, ligures, e os muitos povos obscuros primeiros habitadores da Italia e das ilhas do Mediterraneo, formavam uma enorme povoação que foi desmembrada e em grande parte extincta pelas invasões arianas (celticas ou grego-latinas). Mais tarde outro tanto aconteceu á grande massa celtica.

Como se vê, a historia não surprehende os iberos em circumstancias propicias, no desenvolvimento e gozo d'uma civilisação; encontra-os decadentes e lutando com as poderosas influencias arianas, que os esphacelam umas após outras. Hoje os Bascos, que tão pertinaz resistencia offereceram aos romanos e que lograram chegar aos nossos dias atravez diversas civilisações e crises de toda a ordem, recuam ainda pouco a pouco perante as invasões não violentas, e no entanto mais irresistiveis, da civilisação moderna. E quando violentas, o sangue que lhes gira nas veias agita-se como o dos antigos cantabricos, e os bascos de agora, ainda valentes como as rochas que lhes foram patria, defendem os seus *fueros* e as idéas do costume e da tradição com vigor igual ao dos antigos, que tantas vezes despedaçaram nos desfiladeiros os vexilios de Roma, ao dos avós que viram ali postradas as aguias victoriosas de Marengo e de Austerlitz.

Linguas celticas

As linguas celticas pertencem á familia indogermanica

ou ariana: comprehende dois ramos — Gael ou Gaedhelic e o Kymri. Segundo estudos recentes o *gael* póde tomar-se como dialecto *sanscrit*; e o *kymri* como dialeto *zend*. O *gael* é actualmente representado pelas variantes albanack na Escossia, irish no interior da Irlanda e o mansch que se falla na ilha de Man. Do *kymri* são agora representantes o welsh no paiz de Galles, e o brezonek ou basbreton na Bretanha franceza. Esta é a divisão mais precisa e bem fundada; a classificação apresentada ha pouco por Contzen (a) não differe d'esta, embora assim pareça á primeira vista. Contzen divide as linguas celticas em quatro ramos principaes: gaulez, belga, britannico e hibernio os tres primeiros constituem um grupo, o hibernio fórma a segunda divisão. Ao britannico pertencem os dialectos modernos welsh, karnisch (que se fallava ainda ha alguns annos) e armoricano ou brezonek. Ao hibernio se ligam o actual irlandez rustico e o gael escossez.

No alvorecer da historia já apparecem os povos celticos occupando o occidente e o centro da Europa. São muito celebres e conhecidas as suas longiquas expedições guerreiras. Segundo uma hypothese ultimamente apresentada, os celticos, antiquissimos habitadores da Europa, emigraram para a Asia central, d'onde mais tarde sahiram a occupar a India e o Eran, dando tambem depois as grandes emigrações que da Asia central demandaram a Europa. Para que a hypothese porém se converta em theoria é preciso ainda determinar muitos outros factos.

Nos escriptores antigos apparecem os celticos sob tres nomes diversos, Celtici (e Celtae), Galatae e Galli. Segundo Zeuss as duas ultimas denominações traduzem-se por *pugnaces, armati*.

(a) Die Wanderung en der Kelten, von Leopold Contzen. Leipzig, 1861.

As primitivas emigrações são obscuras. Na peninsula hispanica entraram elles depois dos phenicios, e antes dos carthaginezes e gregos. Admittem-se duas invasões celticas na peninsula, vindas ambas da Gallia, pelos desfiladeiros dos Pyreneus orientaes. A primeira attribue-se aos Gael, a segunda aos Kymri. Occuparam na peninsula o NO. (Gallaecia), o SO. margens do Guadiana (Ana) e do Guadalquivir (Betis) e nos sertões do interior chegaram a misturar-se e a contrahir allianças com os iberos (Celtiberia). É certo todavia que por toda a peninsula se encontram vestigios celticos nas designações locativas.